

Por Trás do Pano: Os Bastidores de Espetáculos Teatrais pela Ótica da Fotografia¹

Rafaela Cândido FERREIRA²
Ana Paula de Araripe SOUZA³
Karenine Miracelly Rocha da CUNHA⁴
Centro Universitário Toledo, Araçatuba, SP

RESUMO

A presente pesquisa busca, por meio da inquestionável fidelização da fotografia, provocar uma reflexão ao árduo empenho de artistas na preparação de seus espetáculos, apresentados em Araçatuba e Birigui, cidades do interior de São Paulo, durante o período do primeiro semestre de 2012. O trabalho dispõe de pelo menos três mil registros fotográficos dos quais trinta imagens foram selecionadas para sensibilizar o público com a revelação do que há por trás das cortinas dos anfiteatros e cenários improvisados a céu aberto e doze foram selecionadas para o atual relato. O trabalho baseou-se, principalmente, na opinião do público que frequenta tais eventos culturais, que manifestaram interesse em conhecer o processo de produção e bastidores dos espetáculos teatrais que apreciam.

PALAVRAS-CHAVE: teatro; fotografia; bastidores; preto e branco.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como temática os bastidores dos espetáculos teatrais, fator que está diretamente relacionado ao desenvolvimento cultural da sociedade. Por meio da arte, os indivíduos adquirem experiências que talvez nunca tenham vivenciado anteriormente.

Este trabalho foi desenvolvido para tentar amenizar o distanciamento que existe entre o público e os bastidores das peças de teatro e surgiu da experiência de uma das integrantes do grupo na produção destes eventos. Acompanhando a preparação das companhias, percebeu-se, mesmo que intuitivamente, que os espectadores não tinham ideia do que acontecia no palco, nos momentos anteriores ao início da peça: acerto de luzes, passagens de som, marcação de cena, maquiagem, figurino e de como tudo isso era

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria I – Jornalismo, modalidade JO 12 Produção em Fotojornalismo. O presente paper e as fotografias submetidas constituem um trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Jornalismo do Centro Universitário Toledo (UniToledo). Conta com a co-autoria de Fernanda Gabrieli de Souza e Gabriela Lelé Mazzo.

² Aluna líder, recém-graduada em Jornalismo pelo UniToledo em 2012, email: rafaelacandido.123@gmail.com.

³ Recém-graduada em Jornalismo pelo UniToledo em 2012, email: aninha.araripe@hotmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho, professora do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do UniToledo, email: karenine.prof@toledo.br.

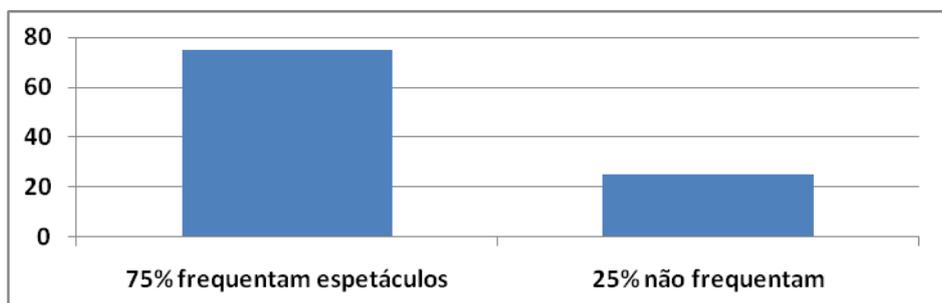
organizado. E, devido a este desconhecimento, nem sempre valorizavam o árduo trabalho destes profissionais ou compreendiam algum atraso, ocorrido pela queda de energia antes da passagem de luz, por exemplo. Com base nisso, a pesquisa apresenta, por meio da fotografia, as etapas realizadas, quase sempre, pelos próprios atores horas antes das cortinas se abrirem e do espetáculo começar.

Porém, era necessário saber se o público consumidor desta arte tinha, de fato, interesse em conhecer o processo. Por isso, durante o acompanhamento dos espetáculos, o grupo aplicou pesquisa quantitativa, simples e direta para saber se as pessoas que frequentam peças teatrais sabem o que é feito antes do início do ato, se já vivenciaram ou têm interesse em conhecer os bastidores e a rotina dos artistas. O questionário, aplicado a cem pessoas (de idade, sexo, poder aquisitivo e níveis culturais variados), na porta dos espetáculos, continha as opções de SIM ou NÃO como respostas às seguintes perguntas:

- 1 – Você frequenta espetáculos teatrais?
- 2 – Já vivenciou alguma montagem de espetáculos?
- 3 – Sabe quais as etapas necessárias para montar um espetáculo?
- 4 – Tem interesse em conhecer os bastidores dos espetáculos teatrais?

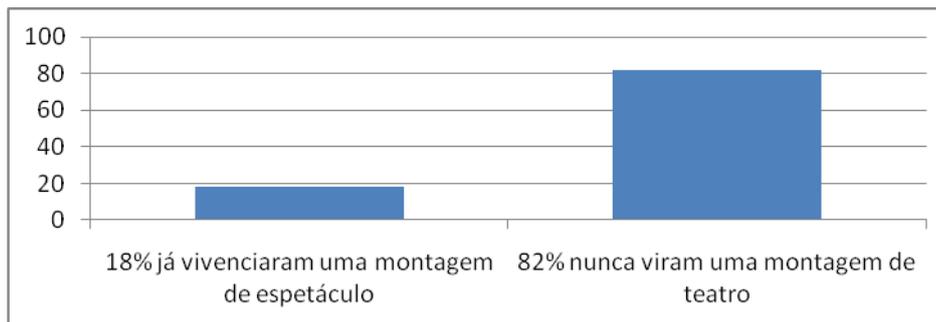
Para melhor ilustrar a opinião expressada pelos entrevistados desta pesquisa, serão utilizados gráficos que possibilitam a visualização clara das respostas.

Gráfico 1 – Frequência em espetáculos teatrais



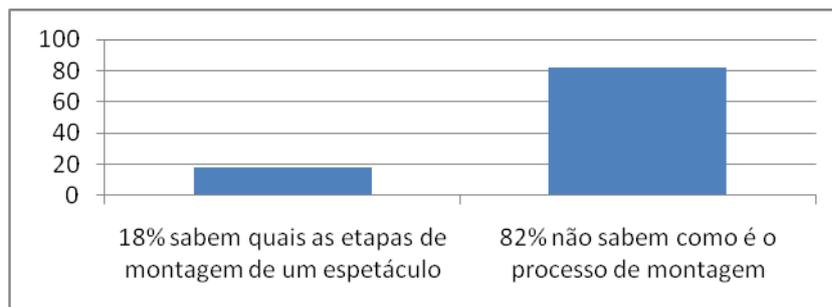
Três terços do público que estava à espera do início dos espetáculos relatou prestigiar, frequentemente, peças teatrais em Araçatuba e Birigui. Enquanto a outra parcela de entrevistados respondeu que não possui o costume de frequentar este tipo de evento.

Gráfico 2 – Vivência em montagem de espetáculos



No entanto, enquanto a maioria dos entrevistados respondeu que ia a espetáculos culturais com frequência, quando se depararam com a segunda pergunta, afirmaram não conhecerem o processo de montagem de uma cena, como pode ser visto no gráfico 2.

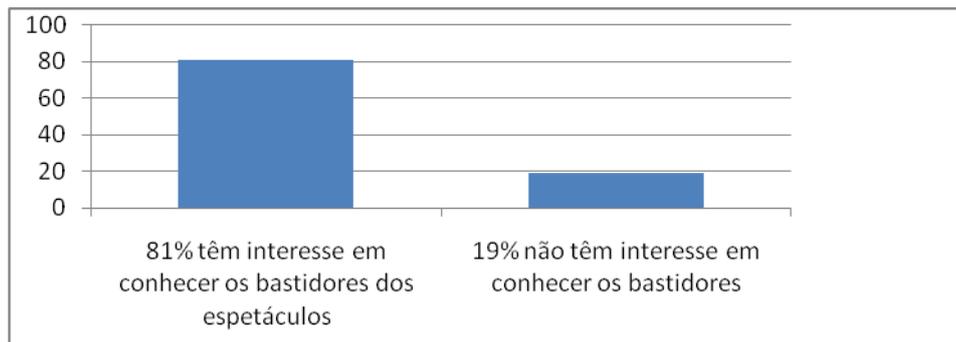
Gráfico 3 – Conhecimento das etapas necessárias para montar um espetáculo



No terceiro gráfico, é possível visualizar a coerência com as respostas da segunda questão, uma vez que o resultado foi o mesmo. O que se pode concluir é que somente 18% dos espectadores conhecem as etapas de uma montagem cênica, sendo estas pessoas, as mesmas que já vivenciaram a experiência questionada.

As duas perguntas buscam compreender qual o nível de conhecimento dos bastidores dos eventos por parte do público simpatizante. Descobriu-se que poucos já tiveram contato com o processo e aqueles que não tiveram acesso sequer conheciam qual o trabalho do artista antes de abrirem as cortinas.

Gráfico 4 - Interesse em conhecer os bastidores dos espetáculos teatrais



Por fim, a principal pergunta do questionário revelou que, embora o público não conheça as etapas de preparação de um espetáculo teatral, a maioria das pessoas que assiste às peças em Araçatuba e Birigui tem interesse em conhecer o que há por trás das cortinas horas antes do espetáculo.

Desta forma, a partir da pesquisa aplicada, pôde-se chegar à conclusão de que 82% do público que frequenta, assiduamente, espetáculos teatrais em Araçatuba e Birigui, não conhecem as etapas de montagem de uma peça (cenário, figurino, maquiagem, concentração do artista para incorporação do personagem, aquecimento, desmontagem etc.), por não possuírem vivência com tal processo. Porém, deste total, 81% gostariam de ter contato com os bastidores, o que torna este trabalho válido.

Para que o espectador tivesse acesso aos bastidores dos espetáculos, foi registrado um total de 3.214 fotografias de dez peças que foram apresentadas no período de março a julho de 2012, nas cidades citadas anteriormente. Este acompanhamento foi possível devido ao contato prévio feito com as companhias, via telefone ou e-mail, com o pedido de autorização.

O fotojornalismo através da fotografia digital

A fotografia digital surgiu no final dos anos 1980 e colocou por terra todo o glamour que a fotografia analógica havia conquistado até então. A evolução dos equipamentos digitais fez com que os analógicos caíssem em desuso e tornou o ato fotográfico uma prática comum que, antes, era restrita apenas aos fotógrafos profissionais e aos fotojornalistas.

Fenômeno óptico da câmera obscura, a fotografia é tida como o método de fixação de imagens. No entanto, esse método passou por grandes mudanças: desde os papéis fotográficos, processo feito a partir de substâncias sensíveis à luz, neste caso a prata, até o surgimento da tecnologia digital, em que um dispositivo, o CCD, é responsável pela origem das imagens digitais, antes feitas por meio de filme. O modo de fixação da imagem pode ter mudado, porém, segundo Oliveira e Vicentini (2009, p. 85), “a fotografia continua sendo um fenômeno óptico; por isso, usar o termo digital nos parece incorreto, já que a fotografia não é analógica e muito menos digital”.

O fato de se ter adicionado a tecnologia digital à fotografia fez com que a expressão fotografia digital fosse popularizada.

Pelas suas características, porém, seria mais correta a denominação imagem digital fotográfica, uma vez que as imagens obtidas por câmeras fotográficas digitais são, na verdade, reconstruções feitas por placas gráficas e softwares de edição, a partir de informações matemáticas, idênticas em sua estrutura a qualquer outro tipo de imagem digital, como a dos scanners, que, embora gerem imagens com qualidade fotográfica, não são estritamente fotografias (OLIVEIRA; VICENTINE, 2009, p. 85).

Além dos dispositivos de captação de imagens, a fotografia digital também é formada por pixels (*picture element*). Cada pixel significa informações captadas pelo CDD da câmera, determina a qualidade e com a luminosidade de forma independente, garante que as imagens digitais sejam manipuladas mais facilmente. Já a resolução de uma máquina fotográfica digital é tida pela quantidade de pixels de uma imagem, ou seja, por milhões de pixels (megapixels).

Ao capturar uma imagem por meio de um equipamento fotográfico digital, determinamos a quantidade de pixels da foto e, principalmente, a qualidade delas. Portanto, é importante destacar que uma imagem que será utilizada na internet exige uma quantidade de pixels inferior àquela que será utilizada em um meio impresso. Por isso, é de grande relevância que o fotógrafo digital, no momento em que for registrar uma imagem, opte pela maior resolução possível, pois, se o pixel de uma imagem de pequena resolução for alterado, a fotografia não terá uma boa qualidade. A possibilidade de ampliação da fotografia pode ser feita por meio de software de edições de imagens, como o Adobe Photoshop, utilizado pelos profissionais da área na manipulação das fotografias.

Com as grandes variáveis sobre os avanços da imagem fotográfica digital, o fotojornalismo precisa tomar certos cuidados quanto às manipulações das imagens:

Nunca na história do fotojornalismo se discutiu tanto a ética que deve orientar o trabalho dos repórteres fotográficos. O motivo se deve às novas tecnologias de captação de imagens baseadas na tecnologia digital, que permitem um nível altíssimo de manipulação. Uma face visível dessa discussão é o novo Código de Ética dos Jornalistas, atualizado em 2007, e que, pela primeira vez, aborda em seus artigos questões específicas ligadas à fotografia. (OLIVEIRA; VICENTINI, 2009, p. 107).

Mesmo que os avanços na área da fotografia tenham contribuído para o intenso trabalho de manipulação das imagens, é importante frisar que, no meio jornalístico, a maioria dos profissionais são contrários a essa prática.

A monocromia como estilo fotográfico

Quando o primeiro processo prático foi criado em 1839, com o daguerreótipo, a fotografia era em tons de cinzas. A cor foi introduzida somente em meados do século XX, porém, a imagem colorida demorou a ser aceita como uma forma de arte. Barthes (1984), por exemplo, afirmou que, para ele, a cor tirava da fotografia sua originalidade, acrescentando um elemento que não fora captado no momento do clique.

Não gosto de modo algum da Cor, talvez, porque me encante (ou me entristeça) saber que a coisa de outrora, por suas radiações imediatas (suas luminâncias), realmente tocou a superfície que, por sua vez, meu olhar vem a tocar. (...) Sempre tenho a impressão (pouco importa o que realmente ocorre) de que, do mesmo modo, em toda fotografia, a cor é um revestimento apostado posteriormente sobre a vida original do Preto-e-Branco. A Cor, para mim, é um ornato postiço, uma maquiagem (tal como a que é usada nos cadáveres). Pois o que me importa não é a “vida” da foto (noção puramente ideológica), mas a certeza de que o corpo fotografado vem me tocar com seus próprios raios, e não com uma luz acrescentada depois (BARTHES, 1984, p. 122-123).

Segundo Civita (1981, p. 254), a cor concorre para satisfazer o senso estético do fotógrafo. De maneira menos óbvia, ela traz novos significados para uma foto. Sendo assim, fotografar em preto e branco, em plena Era Digital, tornou-se uma opção de estilo, escolhida devido a fatores que será explicitado a seguir.

Criar uma fotografia digital em preto e branco é um estranho ato de rebeldia, anacronismo e paixão artística, considerando-se que a captura digital é inerentemente colorida. De uma forma ou de outra, começar com digital e terminar com preto e branco significa descartar a informação de cor em prol das gradações de cinza (DAVIS, 2011. p. 68).

Toda imagem em preto e branco consiste em uma gama de cinzas. Essas nuances, quando combinadas, contribuem para que o assunto fotografado ganhe uma atenção especial do espectador, fazendo com que a mensagem do trabalho seja transmitida de forma mais eficiente. Para Davis (2011, p. 14), “o preto e branco é uma opção – e, surpreendentemente, ela pode chamar a atenção para a cor implícita na imagem mais até do que se a imagem fosse realmente apresentada com cores”.

Quando cai o pano

De manifestações em homenagem ao deus do vinho e da fertilidade, Dionísio (também conhecido como Baco), surgiu, no final do século VII a.C., segundo Barthes (1982), o ditirambo, uma espécie de lírica coral, constituído por coros e danças, de caráter religioso e literário. O gênero foi introduzido nas festividades por um poeta lírico, Téspis, que organizava representações ditirâmicas pelas aldeias, transportando o seu material em uma carroça.

De acordo com Barthes (1982), alguns dizem que foi Téspis quem criou a “tragédia”, ao inventar o primeiro ator. Brandão (2002) afirma que estas manifestações ocorriam anualmente em Atenas e por toda a Ática e, nelas, “[...] os companheiros de Baco, se embriagavam e começavam a dançar e cantar freneticamente, à luz dos archotes e ao som dos címbalos, até cair desfalecidos” (BRANDÃO, 2002, p. 10). Quando chegavam a este ponto de inconsciência, os devotos acreditavam ter saído de si, através do “êxtase”, o que implicava num mergulho em Dionísio e vice-versa pelo processo do “entusiasmo”.

O homem, simplesmente mortal, “*ánthropos*”, em *êxtase* e *entusiasmo*, comungando com a imortalidade, tornava-se “*anér*”, isto é, um herói, um varão que ultrapassou o “*métron*”, a medida de cada um. Tendo ultrapassado o *métron*, o *anér* é, ipso facto, um “*hypocrités*”, quer dizer, *aquele que responde* em êxtase e entusiasmo, isto é, o ATOR, *um outro*. (BRANDÃO, 2002, p. 11, grifo do autor)

O novo drama foi consagrado na cidade através da competição, instituição considerada verdadeiramente cívica aos gregos. Segundo Barthes (1982, p. 61), o primeiro concurso ateniense de tragédia teria ocorrido em 538, sob o domínio de Pisístrato, que desejava enfeitar sua tirania com festas e cultos. “A continuação é conhecida: o teatro instala-se num local consagrado a Dionísio, que ficará para sempre o patrono do gênero”. (BARTHES, 1982, p. 61).

Esta evolução ocorreu paralelamente ao triunfo da democracia. O século V, chamado de século clássico, foi o período da hegemonia ateniense e do nascimento da História. Na época clássica, eram quatro os principais gêneros teatrais gregos: o ditirambo, o drama satírico, a tragédia e a comédia. Porém, do século IV até o fim da época alexandrina, ocorreu o declínio da arte, com o desaparecimento de obras e abandono da estrutura de coral. Ainda de acordo com Barthes (1982, p. 61-62), foi perdido quase todo o repertório.

De várias gerações de autores dramáticos, não conhecemos bem senão três poetas trágicos e um poeta cômico: Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Aristófanes. E não somente a obra de cada um destes autores é antológica (por exemplo, apenas sete tragédias das setenta que Ésquilo escreveu), como também está mutilada (...) (BARTHES, 1982, p. 61-62).

A criação de um ensaio fotográfico

Durante os seis meses de coleta de dados, foram acompanhados dez espetáculos teatrais e capturadas, no total, 3.214 imagens. As fotografias mostram as etapas que ocorrem nos bastidores de uma peça teatral: montagem de palco, figurino, maquiagem e preparação dos atores.

É sabido que uma câmera com características profissionais produzirá uma fotografia tecnicamente superior a uma com especificações amadoras. No entanto, de nada adianta uma imagem com alta qualidade técnica se o fotógrafo não captar, com seu olhar, a mensagem a ser passada ao observador. Prova disso, é o fato de quase 50% das imagens escolhidas para compor a exposição foram tiradas com equipamentos amadores, como pode ser visto na tabela a seguir. Desta forma, a informação que se pretende passar foi priorizada. Por este motivo, é possível ver, neste trabalho, algumas imagens, provenientes dos equipamentos mais simples, com um certo grau de granulação ou desfoque de movimento, porém, não menos encantadoras.

Seleção das imagens fotográficas

Na primeira fase do trabalho, a captação das imagens, foram registradas 3.214 fotografias. As fotos tremidas, sem foco e com pouca iluminação, foram eliminadas. Em seguida, as imagens que não traziam informações referentes ao tema escolhido deste trabalho, os bastidores dos espetáculos, também foram descartadas.

Todas as peças foram avaliadas individualmente. Uma média de 20 fotos, por espetáculos, que se adequavam ao tema, foi selecionada para que, assim, as que não se aproximassem a proposta, fossem excluídas.

As fotos selecionadas mostram algumas etapas da preparação dos espetáculos, como figurino, maquiagem, montagem de cena e preparação dos atores. Além disso, buscou-se, inclusive, escolher as imagens que, em PB (preto e branco), se encaixaram nas definições já citadas no primeiro capítulo deste trabalho.

A partir desses critérios, 173 fotos foram selecionadas. Deste número, foram escolhidas as esteticamente mais apresentáveis, dentro de cada critério de avaliação.

Considerações finais

No início deste trabalho, pôde-se observar, por meio de pesquisa quantitativa, que o público que aprecia e frequenta espetáculos teatrais em Araçatuba e Birigui desconhece, em sua maioria, o processo de montagem e preparação das peças, mas, tem interesse em conhecer os bastidores da arte cênica. Todavia, não seria fisicamente viável levar o público para trás das cortinas, uma vez que atrapalharia o processo de montagem de palco e concentração dos artistas que, minutos depois, entram em cena. Desta forma, o grupo transmitiu o que presenciou junto às companhias e, por meio de registros fotográficos, preparou uma exposição que fosse capaz de não só revelar a realidade dos bastidores, mas repassar ao público, de maneira geral, uma sensibilização e valorização ao trabalho do artista.

A escolha da técnica fotográfica para apresentar tal experiência foi fundamentada a partir de sua idoneidade em retratar a realidade capturada e, uma vez aprimorada com a perspicácia do fotógrafo e sua sensibilidade para escolha dos ângulos que favorecessem a proposta de mensagem a ser passada, percebeu-se ser esta a melhor opção para revelar ao público o que ele gostaria de conhecer.

Contudo, pode-se observar que a exposição fotográfica com imagens dos bastidores teatrais pode ser considerada uma válida proposta mercadológica, considerando que tal produto nasceu de um anseio do próprio espectador que frequenta os eventos teatrais. Uma vez que há interesse em conhecer uma realidade, e a fotografia se mostra capaz de transmiti-la com a fidelidade esperada, esta se torna uma importante ferramenta para satisfazer o referido público.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1982.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro grego**: tragédia e comédia. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CIVITA, Victor. **Fotografia**: manual completo de arte e técnica. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural. 1981.

DAVIS, Harold. **Criatividade em preto e branco**: dicas e técnicas da fotografia digital. Rio de Janeiro: Alta Books. 2011.

OLIVEIRA, Erivam Moraes; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo**: uma viagem entre o analógico e o digital. São Paulo: Cengage Learning. 2009.